

ANTÔNIO FURTADO

Antônio Furtado Bezerra de Menezes nasceu na cidade de Quixeramobim, Ceará, em 14 de junho de 1893 e faleceu em Maranguape no dia 20 de agosto de 1939, aos 46 anos de idade. Bacharel pela Faculdade de Direito do Ceará em 1916, desempenhou os cargos de promotor público, juiz municipal, juiz estadual e juiz eleitoral no Pará e no Acre. Exerceu advocacia em Fortaleza e, após concurso para professor catedrático, lecionou Direito Civil na Faculdade de Direito do Ceará. Devido ao seu espírito irrequieto, o acadêmico Otávio Lobo assim o caracterizou: “Nele tudo era desmedido: inteligência, imaginação, cultura. O elogio, o afeto, o ataque”.

Jornalista, contista, crítico literário e poeta, cuja poesia era predominantemente parnasiana. Como jornalista, colaborou com vários periódicos de Fortaleza, Belém e Rio de Janeiro. Seus poemas, publicados dispersos em jornais, revistas e almanaques, não foram reunidos em um livro de poesias. Autor das seguintes obras: *A organização nacional e o sentimento do Direito*, 1916; *História azul* (poemeto), 1921; *Pró língua brasileira*, 1921; *Ensaio de Direito Processual*, 1921; *Ensaio de Filosofia Jurídica e de Direito Romano*, 1922; *Da família e do casamento*, 1925; *Augusto Linhares*, 1928; *Idéia fixa*, (contos), 1931; e *Antonio Bezerra e a abolição*, 1937.

Ingressou na Academia Cearense de Letras no dia 21 de maio de 1930, na época da segunda reorganização, ocupando a cadeira número 5, cujo patrono era Antônio Bezerra. Foi membro da Academia de Letras do Ceará.

POEMA DAS ABELHAS

*Sob a umbela e o frescor de amplo bosque, olvidado
num recanto de fraga, entre liquens e glastos,
morria um tronco ancião desnudo, abandonado
Briareu, movendo no ar os tortos membros vastos.*

*Nele, negro espinheiro anoso, esburacado,
gazil, veio poisar, entre os vermes nefastos,
de abelhas um enxame... E, no cerne esvurmado,
um cortiço se ergueu, sobre os tecidos gastos.*

*Um rude lenhador, que ali passou, um dia,
o tronco derrubou, vibrando, a acha que fulge,
e o claro mel colheu, dentre a cera sombria.*

*E, em troca, a áurea colméia, em bando inquieto e loiro,
cercando o lenhador, brilha, zumbe, refulge,
e envolve-lhe a cabeça em uma auréola de oiro.*

FONTE: VICTOR, HUGO. *SONETOS CEARENSES*. FORTALEZA: IMP. OFICIAL, 1938. P. 19.

MIOSÓTIS

*Miosótis, flor azul, vive escondida,
Tal uma Deusa pulcra no seu templo;
E vive humilde, assim, seguindo o exemplo
Da humildade cristã de santa vida.*

*Tu, flor também, também vives, querida,
Humilde, e, assim humilde, eu te contemplo
E te vejo com amor, seguindo o exemplo
Da frágil flor azul linda e escondida.*

*Sempre tenhas, na Vida, essa humildade,
Deusa e mulher, que o céu e a terra encantas,
Misto de Divindade e Humanidade.*

*E, alfim, da Vida entre torpezas tantas,
O abrigo eu possa ter dessa piedade
Que é somente das Deusas e das Santas.*

FONTE: AZEVEDO, SÂNZIO DE. POETAS DO CEARÁ, 76: ANTÔNIO FURTADO. *O POVO*, FORTALEZA, 21 NOV. 1982.

ÚLTIMO NINHO

*Neste meu coração, verde árvore florida,
Em revoadas de amor, bandos de passarinhos
Teceram do esplendor das úsneas os seus ninhos,
E encheram de gorjeio o Azul da minha Vida.*

*As asas a ruflar, numa fuga perdida,
Deixaram-no, depois, aos pares ou sozinhos...
E turbou-se-me o Ser, deserto de carinhos,
E arrastei pelo chão, gemente, a Alma ferida.*

*Vós trouxestes o Amor; o último passarinho,
Esposa! que construiu, dentro de mim, a teia,
De painas e de pluma – o derradeiro Ninho.*

*Fecho-o, do Coração na flórea árvore, onde,
Viva flor etereal! suavemente, gorjeia
O epítome do Céu na harpa eólia da fronde.*

FONTE: BARREIRA, DOLOR. *HISTÓRIA DA LITERATURA CEARENSE*. FORTALEZA: A. BATISTA FONTENELE, 1954. T. 3, P. 324-325. (COLEÇÃO INSTITUTO DO CEARÁ, MONOGRAFIA N. 18). [RECITADO PELO AUTOR NA SESSÃO DA ACL DE 30 DE OUTUBRO DE 1931].